

PRODUTO EDUCACIONAL: PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Como produto da presente pesquisa, elaborou-se um Projeto de Intervenção pedagógica que será oferecido à Secretaria de Educação do município de Presidente Kennedy – ES com base nos dados colhidos e analisados neste trabalho. O projeto conta com uma possibilidade de ação pedagógica que visa contribuir com a valorização da riqueza e diversidade cultural da comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES a partir da inclusão de práticas culturais afrodescendentes, em especial o jongo, no CMEI “Bem-me-quer”.

INTRODUÇÃO

A proposta apresentada nesse projeto de intervenção pedagógica é fruto dos dados e considerações realizados a partir do processo de investigação da pesquisa de Mestrado intitulada “Práticas culturais afrodescendentes na educação infantil: um estudo no CMEI “Bem-me-quer”, sendo um dos objetivos específicos e pré-requisito do mestrado profissional em educação também a serem cumpridos.

De antemão, cabe ressaltar brevemente a importância de um Projeto de Intervenção, e/ou Produto Final, em um mestrado profissional, especialmente na área da educação por proporcionarem materialidade ao objeto de investigação. Os projetos de intervenção, segundo Almeida e Sá (2017), são trabalhos que se caracterizam como uma ação interventiva junto à rede e cuja proposta, conceito e desenvolvimento estão ancorados em uma ampla e consistente investigação realizada no campo de pesquisa. Para as autoras, os projetos de intervenção pedagógica a serem propostos no mestrado profissional em educação possuem uma natureza propositiva e:

Abarcam como possibilidades projetos de inovação pedagógica; projetos técnicos e tecnológicos de intervenção nas escolas; desenvolvimento de materiais didáticos pedagógicos; proposta de intervenção em procedimentos de gestão e de coordenação ou de serviços permanentes que interferem na prática educativa (ALMEIDA; SÁ, 2017, p.6).

Nesse sentido, partindo do objetivo central deste trabalho de investigar as implicações da inclusão de práticas culturais afrodescendentes, em especial o jongo, na educação infantil como forma de valorização e reconhecimento da riqueza e diversidade cultural das comunidades quilombolas, somado ao que está posto na Lei

nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, sendo fortalecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER), este trabalho busca propor como projeto de intervenção o desenvolvimento e produção de uma cartilha sobre o jongo com o título de “Pequeno Manual do Jongo: uma viagem pela história, canto, dança e tambores africanos” cujo intuito é contribuir, sensibilizar e conscientizar os docentes do CMEI “Bem-me-quer” acerca da importância da inclusão de práticas culturais afrodescendentes, em especial o jongo, na educação infantil.

Inicialmente a proposta deste projeto de intervenção era de organizar e produzir a cartilha educativa para contribuir com o debate e o aprendizado acerca da importância da inserção de práticas culturais afrodescendentes na educação infantil, no caso em específico deste trabalho, a prática do jongo no CMEI “Bem-me-quer”. Sendo assim, como já supracitado, este projeto de intervenção propõe-se a produzir um material (in)formativo, lúdico e acessível sobre a temática, com potencialidade para ser trabalhado e desenvolvido em qualquer momento do período letivo e de modo que tenha a participação da comunidade escolar e quilombola.

No entanto, no decorrer da pesquisa, ao ir a campo coletar os dados e realizar as análises dos mesmos, constatou-se que existe, até certo ponto, um desconhecimento por parte dos docentes entrevistados quanto ao que de fato se trata à educação quilombola, bem como as práticas culturais que promovem a valorização da cultura afrodescendente no espaço educacional no qual esses sujeitos se encontram inseridos. Como já destacado anteriormente neste texto, depois de analisado o conteúdo das entrevistas, fica nítido que apesar dos esforços e do interesse dos professores e da equipe diretiva da escola em engajar-se no tema, ainda há muito a ser feito para fortalecer a meta de valorização da diversidade cultural afrodescendente a partir do jongo no CMEI “Bem-me-quer”.

Durante o processo da análise dos dados coletados em campo foi possível observar que, é consenso entre os docentes entrevistados, que a inserção da temática de valorização da cultura afrodescendente é um fator que contribui fortemente para a construção de uma educação democrática e equânime. Os docentes também foram unânimes ao responderem que o trabalho com práticas culturais afrodescendentes em sala de aula no Ensino Infantil do CMEI foi

fundamental no combate de práticas racistas no ambiente escolar. Ao serem perguntados se consideram que o trabalho da escola pode contribuir para a valorização da identidade do aluno negro, a resposta dos 6 entrevistados foi concordante, todos disseram que sim. Ou seja, em outras palavras, os docentes entrevistados apresentam em suas percepções o reconhecimento da importância de se trabalhar práticas que promovam a valorização da cultura e da identidade dos povos negros, sobretudo numa escola de território quilombola.

Todavia, esses mesmos dados revelaram também que, apesar de reconhecerem tal importância, os docentes demonstraram desconhecerem quais são as práticas, como mobilizá-las no espaço escolar para promover a educação quilombola e quais suas reais propostas, especialmente quando estas estão sob a luz da Lei nº 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER). A exemplo disso, tivemos falas como as da professora 02 que afirmou que “achava que era para comemorar somente na data da consciência negra” quando perguntada sobre o tema da implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas. Ou, quando perguntados que tipo de prática pedagógica os entrevistados usam na sala de aula ou na escola para fomentar esse tipo de discussão, e as respostas em sua grande maioria se situaram no campo da apresentação de literaturas sobre o tema ou rodas de conversas. Ações que, mesmo relevantes, não correspondiam ou traziam para o centro do debate atividades que eram realizadas na própria comunidade quilombola ou que são tradicionais da cultura africana, como é o caso do jongo. Mostram de modo tácido o pouco entendimento dos docentes sobre o que é a educação quilombola e suas práticas culturais e ancestrais, bem como a necessidade de se promover um debate para compreender como trabalhar de modo efetivo as mesmas em sala de aula.

Em vista deste contexto identificado e apresentado, reelaborou-se a proposta do projeto de intervenção inicial, propondo agora que fosse realizado antes do início da produção das cartilhas um momento de conversa, troca e formação com os docentes do CMEI “Bem-me-quer”. Esse momento, que será uma intervenção pedagógica que envolve uma sensibilização com abordagem rápida e expositiva, se dará em forma de grupos de leitura/estudo e rodas de conversa sobre o tema

estudado, Como conteúdo para esses grupos de leitura serão selecionados textos que irão direcionar os estudos e debates a serem realizados. A proposta é para que essa intervenção seja realizada no período de uma tarde com duração total de 5 horas.

Os textos que serão selecionados estarão pautados em três eixos que foram pensados a partir das fragilidades apresentadas pelos docentes nos dados analisados. O primeiro deles é a concepção equivocada que as práticas culturais afrodescendentes, bem como sua valorização e promoção, devem ocorrer apenas na data específica do dia da Consciência Negra. Para estudar e debater este tema foi selecionado o texto “Pedagogia do evento”: o dia da consciência negra no contexto escolar” de Rosenilton Silva de Oliveira e Leticia Abilio Nascimento (2021). O segundo eixo buscará apresentar um debate acerca da importância de se introduzir o tema da cultura afro na educação como forma de promover o processo de formação da identidade da pessoa negra e romper com a visão eurocentrica sobre os corpos, cultura e tradições dos povos africanos, para tal foi selecionado o texto “Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?” de Kabengele Munanga (2015). E o terceiro e último eixo será reservado ao estudo e debate da Lei nº 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER), tendo em vista que os docentes entrevistados apresentaram pouco, ou nenhum, conhecimento do seu funcionamento e implementação.

Além dessas temáticas apresentadas nos eixos, outra que nos interessa e que os docentes também mostraram ter pouco ou nenhum conhecimento a respeito, foi sobre o jongo. Sendo essa a prática cultural afrodescendente tradicional da comunidade quilombola de Presidente Kennedy e pano de fundo desta pesquisa, seria indispensável que a mesma também fosse abordada em nosso momento de estudo. Portanto, será apresentado, após o momento de leitura dos textos, um documentário cujo nome é “Jongos, Calangos e Folias: Música Negra, Memória e Poesia” que se trata de um documentário historiográfico produzido a partir dos arquivos audiovisuais de Acervo UFF Petrobrás Cultural Memória e Música Negra. Publicado em 2004, e dirigido por Hebe Mattos e Martha Abreu, este documentário, que possui fins educacionais e segue as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aborda a história de jongos, calangos e folias, como patrimônio cultural,

associado à história de grupos de resistência. É um forte e importante registro audiovisual que pode contribuir significativamente para o processo de (in)formação dos docentes do CMEI.

Para o momento final, após assistir ao documentário e realizar a leitura e reflexão dos textos, será proposta uma roda de conversa para que possa ser discutido os conteúdos apresentados e aprendidos. Esse, além de um momento de troca, será também uma primeira oportunidade de aproximação dos docentes na tentativa de mobiliza-los a participar da produção das cartilhas. Assim que realizado o debate e dada as devidas contribuições, será socializado com os docentes presentes a proposta de produzir uma cartilha educativa que conte não apenas a história do jongo, mas essa história a partir das referências da comunidade quilombola de Presidente Kennedy/ES. Nesse momento, os docentes serão convidados a participar do processo de produção das cartilhas, que será o próximo passo desse projeto de intervenção.

A proposta para elaboração da cartilha surgiu mediante três importantes considerações realizadas a partir do processo de investigação, tanto teórico, quanto no campo de pesquisa: a primeira, é que ficou evidenciado, assim que realizada a consulta documental e as leituras do referencial bibliográfico, a urgente, e importante, necessidade de se manter viva as memórias e raízes históricas das práticas culturais africanas. Como apontou Munanga (2015), as memórias são fontes extremamente importantes no que tange a resistência, resgate e permanência da cultura e ancestralidade afro-brasileira, tendo em vista que grande parte da trajetória do povo africano em solo brasileiro foi marcada pela tentativa de apagamento e deslegitimação de sua cultura e feitos históricos.

O segundo fator a ser considerado, foi a necessidade de buscar produzir um produto final que, para além de refletir a importância do resgate histórico do jongo como forma de permanência e resistência da cultura e tradição das comunidades quilombolas, também fosse capaz de trançá-lo com a própria historicidade da comunidade especificamente estudada. Em outras palavras, viu-se necessário produzir algo que trouxesse não apenas uma prática cultural afrodescendente, como o jongo, no caso deste trabalho, mas sim essa prática cultural através do olhar dos moradores da comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES.

O terceiro fator considerado foi que, sendo esse projeto de intervenção pedagógica pensando para turmas da educação infantil do CMEI “Bem-Me-Quer”, era

fundamental que o mesmo tivesse um caráter mais lúdico, contemplando desenhos, figuras e materiais coloridos característicos da literatura infantil. A cartilha também poderá ser produzida a partir de materiais diversos, além dos mais comumente usados, podendo ser aproveitados e utilizados materiais orgânicos e recicláveis como palhas, papéis recicláveis e etc. Desse modo, além do caráter lúdico impresso na confecção da cartilha, o mesmo ainda tem potencial de mobilizar a comunidade para sua produção e promover uma prática sustentável.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, ao debruçarmos sobre o referencial teórico, nos deparamos com as marcas do racismo ao longo da história do povo africano no Brasil e o modo como o mesmo, na medida em que se tornava estrutural e institucional, como apontou Almeida (2019), regulava e implicava na vida do povo negro. Vimos também que dentro desses textos e contextos, tanto no período de escravidão quanto no pós-abolição, os quilombos foram espaço de resistência (e construção) da história, memória, cultura e práticas ancestrais do povo negro africano (ALMEIDA, 2019).

Reafirmamos que a educação escolar é um instrumento indispensável para formar cidadãos capazes de conhecer e compreender, para saber discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem. As comunidades quilombolas possuem dimensões educacionais, sociais, políticas e culturais importantes e com particularidades geográficas e históricas. Por isso, acreditamos que o material didático pedagógico a ser desenvolvido como produto final nesse projeto de intervenção deva levar em consideração as características, trajetória e figuras históricas da comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES, tendo como pano de fundo o jongo.

A escolha do jongo como prática cultural afrodescendente a ser inserida no CMEI “Bem-me-quer” se deu por, como já afirmamos anteriormente, entendermos que o jongo no quilombo faz o corpo falar de sua história, remete a comunicação de sua ancestralidade, por isso deve ser um elemento valorizado no âmbito de uma educação quilombola que valorize as diretrizes apontadas pelas leis que passaram a nortear tais práticas educacionais, como é o caso da Lei 10.639/2003.

Por fim, o projeto de intervenção pedagógica a que se propõe este trabalho é, objetivamente, realizar junto ao pedagógico o desenvolvimento e produção de um material didático pedagógico para se trabalhar o jongo em sala de aula como forma de inclusão de práticas culturais afrodescendentes no CMEI “Bem-me-quer” localizado

no município de Presidente Kennedy – ES. O material em questão, trata-se de uma cartilha ilustrada que irá contemplar a história, o canto, a dança e os tambores no jongo.

OBJETIVO GERAL

□ Contribuir com a valorização da riqueza e diversidade cultural da comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES a partir da inclusão de práticas culturais afrodescendentes, em especial o jongo, no CMEI “Bem-me-quer”.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais são as características que marcam a prática cultural do jongo na comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES, tendo como intuito promover, conhecer e valorizar a identidade histórica e cultural da comunidade;
- Buscar fortalecer os laços das crianças pertencentes a comunidade quilombola com suas raízes históricas e ancestrais;
- Contribuir com a inclusão de práticas culturais afrodescendentes no ensino infantil como forma de valorização e reconhecimento da cultura africana no Brasil, especialmente a partir das comunidades quilombolas.

METODOLOGIA E APLICAÇÃO

Por se tratar de uma intervenção pedagógica cuja proposta é a elaboração de um material didático pedagógico para ser utilizado em sala de aula, estabelecemos um passo a passo para a produção desse material e determinamos alguns critérios para que o mesmo possa alcançar seu objetivo de promover a valorização da cultura africana a partir da inserção de uma prática cultural afrodescendente no ensino infantil, neste caso, o jongo.

O primeiro passo é a seleção das fontes que servirão de base para a escrita do material. Esse material referencial teve duas fontes: oral e a literatura especializada. Como já destacado anteriormente nesta pesquisa, a história oral é uma fonte extremamente importante para a produção científica, cultural e histórica dos povos de origem africana no Brasil. Foram através das histórias que eram contadas pelos mais

velhos para os mais novos que as tradições culturais e históricas dos povos africanos se mantiveram vivas nas memórias das comunidades. Em vista disso, esse traço ancestral e tão importante precisa ser contemplado. Para tal, buscaremos reunir na comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES moradores que tenham interesse em participar de uma roda de conversa sobre a história do jongo e qual a importância dele na comunidade. Durante a roda de conversa será realizada observações e considerações em um diário de campo que servirá para auxiliar posteriormente na escrita do material didático.

Além da fonte oral, buscaremos fundamentação teórica na literatura especializada. Como referência podemos citar obras como a coletânea “Lembranças Africanas”, da autora Sônia Rosa, publicada em 2004 e que traz uma edição abordando especialmente o jongo. E/ou autores como Sacramento (2011), Munanga (2015), Oliveira (2018), Fantini (2018) dentre outros cujos critérios que orientará a seleção será: discutir o jongo como uma ferramenta pedagógica capaz de promover a valorização da cultura africana e das práticas culturais afrodescendentes. Igualmente podemos ampliar o acesso ao jongo e as suas práticas mediante a busca de recursos audiovisuais, a exemplo do documentário “Jongo, calangos e folias.

Música negra, memória e poesia”, produzido por Hebe Mattos e Marta Abreu, ligadas ao Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O segundo passo é a coleta e organização dos materiais necessários para a produção do manual. A escolha dos materiais fica a critério do que a escola tem condições de disponibilizar. EVA's, papel cartão, cartolina ou papéis recicláveis são alternativas possíveis e acessíveis. Além desse material, buscaremos também junto à comunidade fotografias que ajudem a contar a história do jongo. A ideia é que o material seja diverso e conte com fotografias da comunidade, desenhos e imagens disponibilizadas em outros trabalhos e/ou por outras comunidades quilombolas na internet.

O terceiro passo é a produção da cartilha. A mesma será organizada apresentando em um primeiro momento a história do jongo, passando assim pelas cantigas (nesse momento temos condições de apresentar as cantigas que são cantadas na comunidade), apresentando posteriormente a dança e por fim os tambores usados. Considerando que se trata da educação infantil, tanto a parte

histórica, quanto a dança e os tambores serão apresentados através de imagens e, ao lado, na parte direita de cada página, terá um pequeno roteiro e texto explicativo para auxiliar o professor. As canções, ao contrário dos demais temas, virá por escrito para que o professor (a) possa ensinar a cantiga as crianças.

O quarto passo é a aplicação. Nesta etapa o professor poderá contar com a cartilha para trabalhar o jongo em sala de aula. As possibilidades são diversas e o modo como o professor utilizará da cartilha fica a critério da abordagem pedagógica que ele considere funcionar melhor na turma em que leciona. Entretanto, cabe registrar o modo como será organizada a cartilha e, a exemplo, algumas possibilidades de aplicação da cartilha. Sendo assim, na parte histórica será desenvolvido e escrito na cartilha um breve conto infantil retratando a história do jongo para que o professor (a) possa conta-lo em forma de contação de história, essa parte também contará com imagens ilustrativas; na parte das canções buscaremos trazer as cantigas cantadas na comunidade para que o professor (a) possa trabalha-las em sala de aula; na parte que trata das danças e tambores buscaremos trazer imagens e desenhos para ilustrar, especialmente aquelas que conseguirmos coletar na comunidade.

A ideia de produzir um manual ilustrativo nos pareceu relevante e coerente por compreendermos que, além de ser um produto que pode mobilizar parte da comunidade na sua confecção, nos dar condições de trabalhar características específicas da comunidade quilombola estudada, bem como ser utilizada durante todo o ano, não apenas em datas comemorativas específicas. Material pode ser replicado, reutilizado e atualizado quando necessário.

CRONOGRAMA

Cronograma de ações	Fev/22	Mar/22	Abr/22	Mai/22	Jun/22
Seleção de fontes: literatura	X	X			
Seleção de fontes: roda de conversa			X		
Coleta de materiais			X		
Confecção do manual ilustrativo				X	
Aplicação do material: Aula de teste					X

METAS E RESULTADOS ESPERADOS

Com a aplicação desse projeto de intervenção estabelecemos duas metas: a primeira contribuir para a promoção e valorização das práticas culturais afrodescendentes já existentes na comunidade quilombola de Presidente Kennedy – ES. A escolha do jongo se deu exatamente por ser essa a prática cultural africana mais comum entre os moradores da comunidade.

Esperamos que, ao inserir tais práticas no cotidiano das crianças do CMEI, possamos contribuir com o resgata da ancestralidade e da identificação das mesmas com as tradições culturais afro-brasileiras, rompendo com a educação que tradicionalmente exclui dos espaços escolares esses saberes, e fomentando, sobretudo, uma educação antirracista e multiculturalista, que é como a escola deve ser. Democrática, diversa e livre de preconceitos

A segunda meta é buscar a integração entre as reflexões acadêmicas e minha prática docente com a possibilidade de tentar contribuir, via “produto final” desta pesquisa, com interações teóricas e práticas, rodeado de ações pedagógicas que versem sobre os estudos afro-brasileiro, valorização da identidade e do que cremos poder chamar de “práticas culturais afrodescendentes”.

Como resultado esperado, acredito que a produção deste trabalho de modo geral pode contribuir para a disseminação da importância e das implicações que a inserção de tais práticas no contexto escolar pode gerar para o processo formativo desses sujeitos e bem como para construção de saberes, valorização, história e memória das comunidades.

REFERENCIAL (PARCIAL)

ALMEIDA, Verônica Domingues.; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. **Concepções de intervenção do mestrado profissional em educação: tessituras curriculares de uma pesquisa**. São Luís: UFMA. Anais - 38ª Reunião Nacional da ANPEd, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural: feminismos plurais**. Sueli Carneiro. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 10. 639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, 10 jan. 2003.

Fantini, Cláudia Regina Rossi. **O Jongo Folclórico de Bias Fortes e as narrativas do patrimônio cultural**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do instituto de estudos brasileiros. N. 62. Dez. 2015 (p. 20-31).

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural**. In: RURIS - Revista do Centro Interno de Estudos Rurais. Campinas: Unicamp, 2011.

ROSA, Sonia. **Jongo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SACRAMENTO, Mônica. **Coletânea O Jongo na Escola: uma aposta no diálogo entre saberes de dois territórios**. Salvador: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidade e (Des)igualdades, 2011.